

## MACHADO DE ASSIS E SEU PAPEL NA FUNDAÇÃO DA ABL - ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

**Júlia Martins Flôres de Oliveira**

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

**Resumo:** Este artigo trata da influência de Machado de Assis na fundação da renomada Academia Brasileira de Letras, em 20 de julho de 1897. Investigaremos, para além dos fatos históricos, o cotidiano destes primeiros anos, tendo como ponto de partida correspondências, matérias de jornais e revistas da época, até os critérios iniciais para a escolha dos ocupantes das cadeiras da instituição e as críticas recebidas até a presente data. Entrando em contato com esses arquivos, nos transportamos para uma determinada época, como uma testemunha. Verificamos as dificuldades de se dar corpo a um projeto que, a seu tempo, não se tinha noção da sua grandiosidade e longevidade de mais de 100 anos. Tomar conhecimento da história da ABL por um novo ângulo, mais intimista e próximo aos personagens, nos faz mais conscientes do valor que se esconde por trás de cada obra, para além dos fatos históricos.

**Palavras-chave:** Machado de Assis, Academia Brasileira de Letras, Fundação, documentos históricos.

### SOBRE MACHADO DE ASSIS

Machado de Assis, além de ser um dos mais importantes nomes da literatura brasileira, foi o primeiro presidente da renomada Academia Brasileira de Letras, cuja participação foi de suma importância para a sua fundação.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839 no Morro do Livramento, na cidade do Rio de Janeiro, neto de escravos, filho do pintor Francisco José de Assis e da imigrante portuguesa Maria Leopoldina. Perdeu a mãe muito cedo, sendo criado pelo pai e pela madrasta. Nesta época, fez amizade com o forneiro de uma padaria, que o ensinou francês. Já grande adorador de literatura, Machado de Assis começou a escrever aos 15 anos de idade, tendo seu primeiro poema “Ela” publicado em um jornal.

Com relação às suas obras, é assinalado pelo crítico literário Antonio Cândido em seu livro *Formação da literatura brasileira* como “gênio”, “mestre admirável” e “escritor mais brasileiro que jamais houve, e certamente o melhor” (Cândido, 1997, p. 104), além de afirmar que “só depois de Machado haveria um refinamento suficiente do estilo e da penetração literária” (Cândido, 1997, p. 24). O historiador Alfredo Bosi também reforça sua enorme importância, afirmando que “a ficção machadiana constitui, pelo equilíbrio formal que atingiu, um dos caminhos

permanentes da prosa brasileira na direção da profundidade e da universalidade” (Bosi, 1990, p. 185).

Com seu primeiro livro de contos intitulado *Contos Fluminenses* (1870) e seu primeiro romance *Ressurreição* (1872), estabeleceu sua imagem como escritor que dominava a língua portuguesa e que recheava suas narrativas com relatos psicológicos. Chegou a ser comparado a José de Alencar, até então o maior romancista brasileiro.

Apesar de já reconhecido, foi em 1881 que escreveu *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e mais tarde, em 1899, publicou *Dom Casmurro*. Já em 1897, juntamente com outros escritores, fundou oficialmente a Academia Brasileira de Letras, tornando-se presidente da associação.

## A FUNDAÇÃO DA ACADEMIA

A Academia Brasileira de Letras foi oficialmente fundada em 20 de julho de 1897, em uma sala do museu Pedagogium. A fundação foi antecedida por uma série de reuniões preparatórias, nas quais fizeram parte Machado de Assis. A idealização da Academia, porém, já estava sendo pensada alguns anos antes. O processo se inicia em encontros de escritores e artistas, os chamados Club Rabelais e Panelinha.

Como curiosidade, o nome “Panelinha” deriva de uma panela de prata na qual os convidados eram servidos nestas celebrações e que se tornou o símbolo da instituição. São raros os documentos que restaram relativos a estas reuniões, mas foi conservada uma fotografia de 1901 que registrou um dos encontros da Panelinha. Sobre a fotografia, Rodrigo Octavio, primeiro secretário da Academia, relembra em seu livro *Minhas Memórias dos Outros*:

[...] a Panelinha teve quem um dia fotografasse todo o bando. Foi por ocasião de um almoço realizado no Hotel Rio Branco, nas Laranjeiras, do qual foi Comissário Inglez de Souza. [...] Aquela fotografia, que saiu ótima e ainda se conserva perfeitamente nítida, é um precioso documento, pois nela se encontram magníficos retratos de algumas das grandes figuras de nossas letras e artes naquele tempo (Octavio, 1936, p. 47).

# da GAVETA

revista da graduação em letras unirio



Fotografia de um dos encontros da Panelinha. Encontram-se de pé, na ordem, Rodolfo Amoedo, Artur Azevedo, Inglês de Sousa, Olavo Bilac, José Veríssimo, José Bandeira, Filinto de Almeida, Guimarães Passos, Valentim Magalhães, Rodolfo Bernadeli, Rodrigo Octavio e Afrânio Peixoto. Sentados, estão João Ribeiro, Machado de Assis, Lúcio de Mendonça e Silva Ramos.

Foi a partir destes encontros literários da Panelinha que Lúcio de Mendonça propôs a organização de uma Academia Brasileira de Letras, feita aos moldes da Academia Francesa. A ideia foi discutida por vários dias até que finalmente fosse fundada. Assim, a ABL teria, semelhante à academia modelo, um total de quarenta membros. Os fundadores eram inicialmente trinta, sendo os dez restantes eleitos por votação na última reunião preparatória.

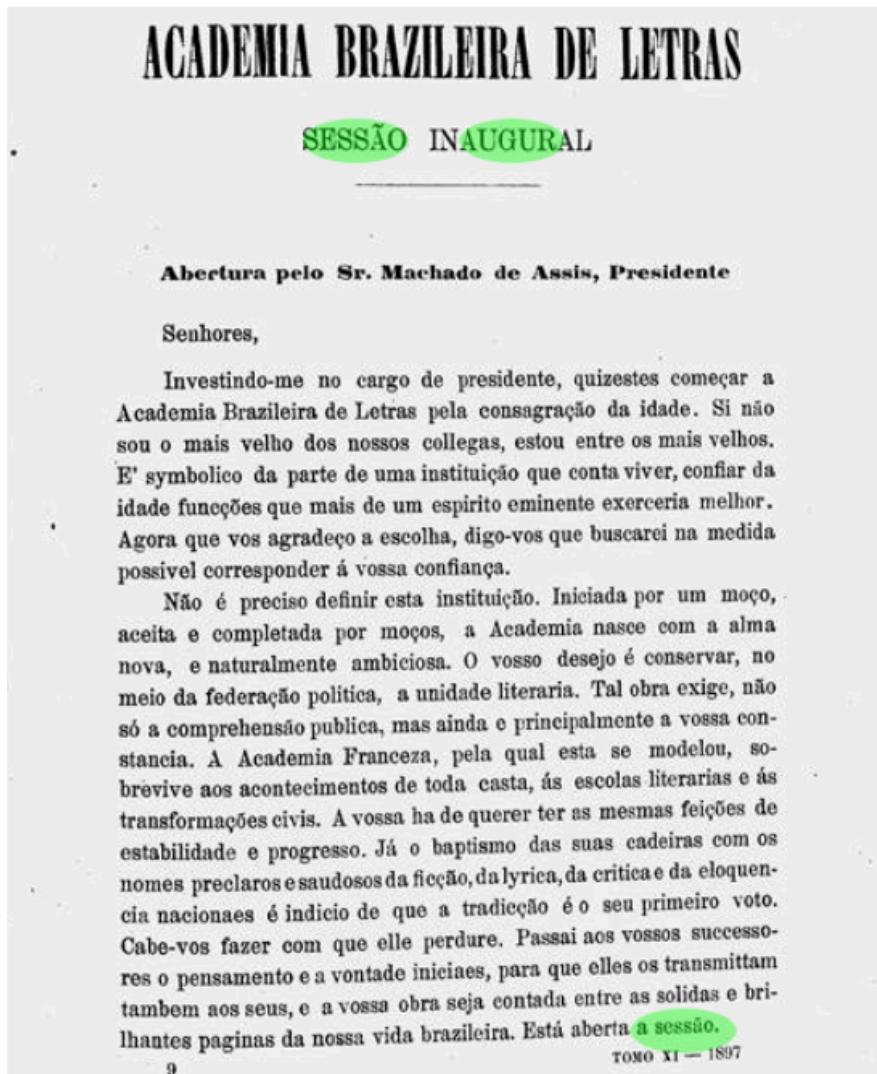
A nova Academia, fundada em maioria por jovens escritores, tem finalmente sua sessão inaugural. Machado de Assis, sendo um dos mais velhos do grupo com 58 anos, foi assinalado como presidente da ABL e fundador da cadeira número 23. Os imortais, em conjunto, também escolheram um patrono para cada uma das 40 cadeiras, homenageando personalidades que marcaram as letras no Brasil, como se mantém até os dias atuais. Machado escolheu como patrono José de Alencar, seu amigo.

Machado de Assis fez o discurso de abertura da instituição, em 20 de julho de 1897, publicado na *Revista Brasileira*. É perceptível em seu discurso o espelhamento na Academia Francesa e a preocupação com a conservação da

# da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

língua portuguesa brasileira e sua literatura, sendo este um dos principais objetivos da instituição.



Discurso de abertura de Machado de Assis na sessão inaugural da ABL.

Contudo, surpreende que os primeiros anos da Academia não foram fáceis. Foi necessário um grande esforço para que a ABL pudesse, de fato, existir em um espaço físico próprio. Durante aproximadamente 30 anos, os acadêmicos ficaram “sem teto”. Inicialmente, a Academia teve suas reuniões em uma sala do museu Pedagogium. O local, no entanto, só havia horários disponíveis durante a noite, pois o prédio também era utilizado por professores e acadêmicos de medicina, o que era bastante inconveniente para os acadêmicos.

# da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

A ABL recorre ao governo para que lhes concedesse um local mais apropriado, mas este processo foi demorado. De maio até agosto de 1898, as seções foram feitas no Ginásio Nacional, sendo transferidas logo após para a Biblioteca Fluminense. No entanto, este prédio estava abandonado e não oferecia as condições necessárias para as reuniões, o que desmotivou grande parte dos acadêmicos que estavam prestes a abandonar a ideia da Academia.

No livro *Minhas Memórias dos Outros*, Rodrigo Octavio descreve um pouco do sentimento dos acadêmicos a respeito daquele prédio, e comenta que, se a situação persistisse, o sonho da ABL poderia ter acabado:

Num tácito entendimento, cedo generalizado, os acadêmicos, já de si, em número reduzido, que frequentavam as sessões, foram desertando aquela casa de silêncio e desânimo... Impôs-se ao espírito de cada um de nós, sem ter coragem de contar aos outros o que parecia uma infantilidade, que a Academia, se persistisse em se reunir ali, desapareceria, contagiada pela impressão de abandono e inatividade que pesava naqueles vastos salões desertos, naqueles longos corredores quedos, cujas paredes revestiam enfileiradas lombadas de livros e pastas, fechados e inúteis. (Octavio, 1935, p. 81)

Diante desta situação, Machado de Assis toma a iniciativa de pedir a José Veríssimo, um dos membros e idealizadores da Academia, para que as reuniões ocorressem na sala de redação da *Revista Brasileira*, fundada pelo amigo, enquanto o governo não cedesse um lugar definitivo. No entanto, observa-se que a situação se estendeu, e os acadêmicos continuaram a se reunir ali por mais dois anos, até o fechamento da própria revista.

Após o fechamento da *Revista Brasileira* em 1901, Rodrigo Octavio oferece seu escritório de advocacia, um modesto sobrado na Rua da Quitanda, número 47, para que ali pudessem ser realizadas as sessões da ABL.

A busca por um local definitivo se alongou. A pequena nota a seguir, publicada na *Gazeta de Notícias* em 13 de outubro de 1903, evidencia esta demora. Apesar do que diz o jornal, a Academia Brasileira de Letras só recebeu abrigo do governo em 1905, com o prédio do Silogeu, tendo ainda uma última mudança em 1923 para o prédio Petit Trianon, doado pelo governo francês, onde permanece até os dias atuais.

Activam-se as obras do edifício do caes da Lapa. Ante-hontem e hontem, dias feriados, trabalharam com afinco, até escurecer, os pedreiros. Esse edifício, como dissemos ao noticiar o prosseguimento das obras, é destinado pelo Sr. Dr. J. J. Seabra, ministro do interior, à Polyclinica, ao Instituto Histórico, à Academia de Medicina e à Academia Brasileira de Letras.  
—Para essas instituições, que ainda não têm teto, disse-nos o illustre ministro.

Notícia publicada na Gazeta de Notícias em 13 de outubro de 1903 sobre as “instituições sem teto”.

## UM SALTO NO TEMPO

Desde o início até os dias atuais, a Academia vem sofrendo críticas em torno dos critérios utilizados na escolha de seus imortais.

As críticas, porém, não eram completamente infundadas. Rodrigo Octavio recorda em seu livro *Minhas Memórias dos Outros* as concepções do presidente Machado de Assis a respeito de como deveria ser o ambiente da ABL e, consequentemente, qual deveria ser o perfil de seus membros.

Machado entendia, e não cessava de o dizer, que a Academia devia ser, também, uma casa de boa companhia; e o critério das boas maneiras, da absoluta respeitabilidade pessoal, não podia, para ele, ser abstruído dos requisitos essenciais para que ali se pudesse entrar. (Octavio, 1935, p. 65)

Machado de Assis, em seu discurso de posse na sessão inaugural da ABL, deixa claro sua ambição e visão de futuro e constância da institucionalização da literatura brasileira, simbolizada pelo batismo das cadeiras “com nomes preclaros e saudosos da lírica, da crítica e da eloquência nacionais” (Assis, 1897), pautados na tradição que deveria ser repassada aos sucessores junto ao pensamento e vontade iniciais.

Assim, a ABL imortalizou nomes de grande relevância e impacto para a literatura e cultura brasileira desde sua fundação, como João Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Ivan Junqueira, e mais atualmente Marco Luchesi, Antonio Cícero, Domício Proença Filho, Ruy Castro, Fernando Henrique Cardoso e Fernanda Montenegro.

Como avanço, aos 80 anos de ABL, o local deixou de ser exclusivo para os “homens de letras”, sendo eleita a primeira imortal Rachel de Queiroz. Até hoje duas mulheres presidiram a ABL, sendo elas Nélida Piñon em 1997 e Ana Maria Machado em 2012. Há ainda a recente admissão de Heloísa Teixeira em 2023, importante pensadora do feminismo brasileiro.

Outro avanço foi a adição de Ailton Krenak em 2023, uma histórica liderança indígena, poeta, escritor, ambientalista e filósofo, que contribuiu para a conquista dos direitos indígenas na Constituinte de 1988.

Contudo, alguns nomes importantes não ingressaram na Academia, como Lima Barreto apesar de suas inúmeras tentativas. Ainda hoje nomes como Conceição Evaristo, Jô Soares e Maurício de Souza também não conquistaram a imortalidade.

Hoje, a Academia Brasileira de Letras atua para a institucionalização da literatura no Brasil, contando com duas bibliotecas. Fazem parte de seu acervo primeiras edições de obras clássicas da literatura mundial e obras raras, ressaltando a edição princeps de *Os Lusíadas* (1572) e um raro exemplar de *Rhythmas* (1595) impresso em Lisboa de Luís de Camões, além das coleções particulares de Machado de Assis, Alberto de Oliveira, Afrânio Peixoto, Domício da Gama, Manuel Bandeira e Olavo Bilac. Possui também um acervo arquivístico dos fundadores (documentos e correspondências trocadas à época). Possui ainda uma gama variada de eventos, exposições, leituras dramatizadas, mesas-redondas, teatro e visitas guiadas.

## CONCLUSÃO

Graças a este ensaio, percebemos o quanto a pesquisa histórica aos arquivos de época nos “leva” a momentos passados ricos e de sutilezas inimagináveis. Partindo de pistas, nomes e locais deixados em alguns escritos, é possível, por meio de investigação e leitura, desvendar e se emocionar com minudências perdidas pelo tempo. É como assistir de perto a própria fundação da renomada Academia Brasileira de Letras, com seus percalços, motivações e o papel relevante de Machado de Assis na Constância e tradição da Academia.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA Brasileira de Letras. *Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça*. Disponível em <<https://www.academia.org.br/bibliotecas/biblioteca-academica-lucio-de-mendonca>>. Acesso em 30/12/2023.
- ACERVO da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). *Gazeta de Notícias*. Disponível em <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_04&pagfis=854](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pagfis=854)>. Acesso em 16/07/2023.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1990
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- OCTAVIO, Rodrigo. *Minhas memórias dos outros – Nova série*. Rio de Janeiro: Livraria José Olimpio Editora, 1935.
- OCTAVIO, Rodrigo. *Minhas memórias dos outros – Última série*. Rio de Janeiro: Livraria José Olimpio Editora, 1936.